

work also served to legitimize a hierarchical and patriarchal society, an inspirational model for Gilberto Freyre.

With the onslaught of European immigration and the influence of positivism and scientific racism, Indianist motifs came under attack or mutated into merging regionalist or *caboclista* genres, which now served as a fertile source for nationalist/folk literature. But this would not signify the demise of indigenous themes in Brazilian literature. Rather, the modernists of the 1920s would resuscitate and reshape the indigenous imaginary. The “cannibalists,” led by Oswald de Andrade under the influence of the European avant-garde, marshaled the figure of the anthropophagous Indian to offer a radical reassessment of postcolonialism, urging Brazilians to selectively devour and assimilate foreign trends to yield a distinct cultural synthesis. The fascistic verde-amarelo movimento, on the other hands, continued to celebrate the mythical noble savage Tupi as a progenitor of Brazil’s mestiço population.

Treece’s book succeeds in demonstrating how Indianism, more than a romantic throwback, was characterized by a broad array of ideological perspectives and political agendas that often reflected its interlocutors’ social backgrounds and relationships to the imperial state. Although some of the chapters might have been more clearly organized and some of the textual analyses shortened, Treece’s meticulously researched book offers a historically grounded analysis that is a much welcome addition to the slim but growing body of literature on indigenous peoples in Brazil.

Seth Garfield  
University of Texas at Austin

Schwarz, Roberto. *A Master on the Periphery of Capitalism: Machado de Assis*. Intro. and trans. John Gledson. Post-Contemporary Interventions/Latin America in Translation. Durham: Duke UP, 2002. xxxvi + 194 pp. Notes. Glossary. Bibliography. Index.

A tradução do livro de Roberto Schwarz para o inglês pode ser um fato auspicioso também porque favorece a ampliação do círculo internacional de leitores de Machado de Assis. Mas, como John Gledson relata em entrevista, de 1999, ao *Jornal do Brasil*, a editora novaiorquina disse, com ironia, dos romances de Machado traduzidos em inglês: *The sales suck!*

Sem ilusões de periferia, é possível imaginar que a excelente tradução de Gledson, mais a cuidadosa apresentação do livro, favoreçam a aproximação de um público que leu pouco, ou ainda não leu Machado. E, especialmente, dos leitores que podem vir a encarar o desafio de o ler bem e com conseqüências. Pois o livro de Schwarz analisa e interpreta as *Memórias póstumas* e realiza uma observação nova do Brasil escravista e neocolonial do XIX. Desvenda-se ali a prática textual radical de um mestre em captar e expressar o processo social da periferia capitalista em suas condições brasileiras.

O trabalho de Schwarz centra-se no estudo dessa dialética de forma artística e processo social, que ele assinala ser muito mais fácil de propor do que de cumprir, perguntando de saída como dar conta do problema posto por uma obra literária avançada produzida numa situação social e histórica de periferia atrasada. Na verdade, a resposta a essa pergunta é o livro do crítico, fundado teoricamente na tese, proveniente de Marx e reativada por Trótski, do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo.

Debruçando-se no conhecimento das *Memórias* Schwarz dá continuidade ao trabalho anterior, *Ao vencedor as batatas*, no qual estuda a importação do romance

européu e suas contradições em Alencar e o paternalismo racionalizado nos primeiros romances de Machado, onde predomina o conformismo, com o arbitrário paternalista sendo visto pela perspectiva dos dependentes, que supunham o sentido da vida e a felicidade possível no interior da família patriarcal. É também nesse primeiro grande estudo que Schwarz opera a fórmula lapidar das “idéias fora do lugar”, ou seja, a convivência disparatada, mas normalizada no Brasil do XIX, do liberalismo europeu com a ideologia escravista.

Como os romances da primeira fase de Machado são todos mais ou menos mediócras, há uma questão decisiva a ser explicada: o enorme salto qualitativo dado pelas *Memórias*. Schwarz enfrenta o problema ao reconhecer a mudança do ponto de vista, que passa a ser o de cima, o do capricho paternalista, não mais sentido como humilhação, senão representado como “uma superioridade, qualquer que fosse”, segundo proclama sempre Brás Cubas. E o capricho paternalista não hesita, subjetiva ou objetivamente, em procurar tirar vantagem do liberalismo ou da ideologia escravista, transitando de uma para outra segundo a própria lógica do capricho, conforme pareça mais vantajoso estar na norma ou em sua infração, cujos sinais, no Brasil, podiam e estavam em permanente reversão.

O moderno atrasado e o atraso modernizado dizem muito do Brasil e do capitalismo desigual e combinado, constituindo uma espécie de segredo íntimo do país em sua inserção internacional. Por isso, Schwarz conclui que a *volubilidade é o princípio compositivo* da narrativa machadiana, pois tal categoria explica as constantes mudanças de posição do narrador-personagem, como marca registrada do capricho paternalista e sua desfaçatez de classe. O que também permite explicar o escândalo intrínseco da narrativa de Brás, que é submeter ao capricho, nada mais nada menos, do que as conquistas da civilização moderna.

Por sua vez, a volubilidade, que alcança uma expansão sem limites e com todos os detalhes — exigindo um trabalho literário excepcional de Machado — tanto se apresenta como uma condição humana geral, ou um defeito do indivíduo, e, ainda, uma deficiência do país. São três dimensões, que podem aparecer isoladas ou combinadas, e constituem uma espécie de crosta ideológica cujo efeito textual permite as alegorias universalizantes, o humor e o cômico, e a sátira. Sob essa crosta, presente e viva, porém nunca em primeiro plano, “expressa mas não explicada”, está uma quarta referência, o antagonismo de classe, “em sua forma particular ao Brasil, (que) é a chave do estilo” das *Memórias*.

Por isso, a análise e interpretação de Schwarz dedica-se a especificar essa chave, de modo extenso e minucioso, tanto que o livro está dividido em duas partes: uma longa, mais de 90% do total de páginas, é denominada “Uma desfaçatez de classe” e está dividida em nove tópicos; a outra, cerca de 10%, ou menos, é “Acumulação literária e nação periférica”.

O trabalho decifra a originalidade mimética da ironia estratégica de Machado, desmascara os múltiplos negaceios e astúcias do narrador, construindo-se contra este, e demonstrando que a volubilidade é um “fato de estrutura”, com alcance prático decisivo, pois o nada onde desemboca a narrativa pode ser o segredo íntimo da situação periférica do moderno escravismo brasileiro. E, além de tudo, o livro de Schwarz é o de um grande escritor, também mestre na periferia do capitalismo e algures.